

Dólar fecha em R\$5,73, maior valor desde 2021

Dólar vai a R\$ 5,73 com tensão sobre Oriente Médio e comunicado do Copom

Mortes de líderes do Hamas e nota do BC vista como pouco conservadora pressionam moeda

Tamara Nassif

SÃO PAULO O dólar fechou em alta de 1,43% nesta quinta-feira (1º), cotado a R\$ 5,734. A disparada da moeda americana foi causada pelo aumento das tensões geopolíticas no Oriente Médio e as decisões sobre juros dos bancos centrais do Brasil e dos Estados Unidos, na véspera.

A cotação desta quinta é a maior desde 21 de dezembro de 2021, quando a divisa fechou em R\$ 5,739. No acumulado do ano, o dólar já subiu mais de 15%, e o real apresenta a pior performance entre as principais moedas do mundo ante a divisa americana.

Já a Bolsa recuou 0,20%, aos 127.395 pontos, revertendo os ganhos que havia registrado no início da sessão.

O mercado acionário americano também teve um dia negativo, após a divulgação de dados econômicos levantarem a preocupação de que a economia possa estar desacelerando mais rapidamente do que o previsto. O Dow Jones caiu 1,21%, o S&P 500, 1,37%, e o Nasdaq 2,30%.

A justificativa para a alta do dólar no Brasil nesta quinta recaiu no acirramento dos conflitos no Oriente Médio, na visão de André Galhardo, consultor econômico da Remessa Online.

Um dia depois do ataque que matou Ismail Haniyeh, líder político do Hamas, em Teerã, o governo de Israel anunciou a morte do chefe da ala militar do grupo terrorista da Faixa de Gaza. Mohammed Deif morreu, segundo o Estado judeu, em um bombardeio no mês passado.

"O ataque de Israel é muito significativo, porque agora parece haver um aval do líder iraniano para que Teerã faça uma retaliação", afirma.

Para os mercados, a escalada de tensões "tem levado parte dos investidores a buscar ativos mais seguros, como ouro e o dólar", explica Galhardo.

Isso se soma à resposta dos investidores à decisão do Copom (Comitê de Política Monetária), divulgada na quarta-



Operador na Bolsa de NY, cujo índice Dow Jones recuou 1,21% (Jeenah Moon/Getty Images/AFP)

feira (31) após o fechamento dos mercados.

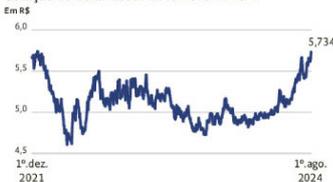
O Banco Central optou por manter a taxa básica de juros do país — a Selic — em 10,50% ao ano. No comunicado emitido após a decisão, adotou um tom mais duro ao enfatizar a necessidade de "maior vigilância" diante das conjunturas doméstica e internacional, que demandam "acompanhamento diligente e ainda maior cautela".

O colegiado subiu suas próprias previsões de inflação. No cenário de referência do Copom, as projeções para 2024 subiram de 4% para 4,2% e, para 2025, de 3,4% para 3,6%. Para alguns analistas, no entanto, o fato de o Copom não ter sinalizado uma possível alta nos juros é motivo de preocupação.

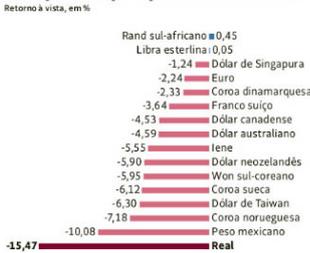
O comunicado "não foi tão agressivo quanto poderia ter sido, dada a deterioração das perspectivas de inflação e do equilíbrio de riscos", disse Alberto Ramos, economista-chefe para a América Latina do Goldman Sachs.

O Boletim Focus desta semana apontou que o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) fechará 2024 em

Cotação do dólar desde dezembro de 2021



Desempenho das principais moedas ante o dólar



Fontes: CMA e Bloomberg

4,10%, ante avanço de 4,05% na semana anterior, segundo estimativas de analistas consultados pelo BC.

As previsões vêm na esteira dos dados mais recentes de inflação medidos pelo IPCA-15, que, pelo período de coleta, funciona como uma espécie de proxy do indicador oficial. Apesar de terem desacelerado em relação ao mês anterior, os preços subiram mais do que o esperado, a 0,30%, com a taxa de 12 meses batendo 4,45%.

O BC trabalha com a meta de inflação em 3%, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo. Com a base anual próxima ao teto de 4,50%, a dúvida agora é se o atual patamar da Selic é contracionista o suficiente para levar a inflação de volta à meta.

A autoridade monetária "se comprometeu com maior cautela, até mesmo maior vigilância, mas não conseguiu dar nenhum sinal claro de que está contemplando uma reação mais forte", disse Mario Mesquita, economista-chefe do Itaú Unibanco, em relatório a clientes.

"Esperamos que a taxa de referência permaneça inalterada até o fim do ano, apesar das crescentes preocupações sobre esse nível ser suficiente para promover a convergência."

O contexto, para Galhardo, da Remessa Online, mostra que "o real não está seguro nem mesmo com o início do ciclo de cortes de juros nos Estados Unidos", possibilidade que foi ofuscada nesta quinta-feira diante do balanço de riscos feito pelos investidores.

A tese de que os juros podem cair nos Estados Unidos na próxima reunião de política monetária ganhou força após o Fed manter a taxa de referência inalterada na faixa de 5,25% e 5,50%.

No comunicado, a autarquia afirmou que os preços agora estão apenas "um pouco elevados", a primeira suavização na linguagem desde que o banco central deu início à batalha contra a inflação, classificada como "elevada" nos últimos comunicados.

da" nos últimos comunicados.

Isso abriu espaço para interpretações de que o ciclo de afrouxamento monetário poderá ter início na reunião marcada para 17 e 18 de setembro, à medida que a inflação continua convergindo à meta de 2%.

A autarquia usa o PCE (índice de preços de gastos com consumo, em inglês) para balizar a inflação. O índice subiu 2,5% em junho, depois de ultrapassar 7% em 2022.

Para Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, o comunicado "não foi explícito" em sinalizações sobre futuras reuniões, mas "abriu muito a possibilidade de um corte em setembro, a partir dos dados monitorados pelo Fed".

"Temos um processo de desinflação acelerado, e, ao mesmo tempo, a percepção de que a própria atividade econômica está desacelerando. Se os juros não caírem em setembro, certamente cairão nas outras duas reuniões do ano", afirma.

Em entrevista coletiva, o presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, afirmou que o comitê "não tomou de decisão nenhuma sobre reuniões futuras". No entanto, acrescentou que, como a autarquia tem ganhado confiança de que as pressões sobre os preços estão mais moderadas, "a economia está se aproximando do ponto em que será apropriado reduzir nossa taxa de juros".

Uma taxa alta nos Estados Unidos, tidos como a economia mais segura do mundo, desestimula investimentos em ativos de risco por puxar os investidores aos títulos ligados ao Tesouro norte-americano, chamados de "treasuries".

Isso significa que, quanto mais o banco central norte-americano cortar os juros, melhor para o real e outras moedas emergentes, além do próprio mercado acionário. No entanto, nesta sessão, as incertezas externas e domésticas minaram o otimismo dos investidores.

Na cena corporativa, o Ibovespa ainda foi pressionado por recuos da Vale e da Petróbras, as duas empresas de maior peso no índice. A mineira perdeu 2,24%, e os papéis preferenciais e ordinários da petrolífera recuaram 1,22% e 1,85%, respectivamente.

Destaque para a Ambev, que subiu 1,38% depois de reportar Ebitda ajustado de R\$ 5,81 bilhões ao final de junho, 10,2% maior que o resultado do segundo trimestre de 2023.

Com Reuters

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: P Pagina: 1